

DF - Invasão

# Governo demole 13 barracos no Guará

23 ABR 1999

CORREIO BRAZILIENSE

*Construções em alvenaria eram minúsculas e seus donos tentaram mantê-las mostrando documento que se referia a outra ocupação*

Rovênia Amorim  
Da equipe do **Correio**

**P**or duas horas, os invasores atrasaram a operação de derrubada de 13 barracos na área aos fundos do Conjunto X, da QE 38, do Guará. Mas, ao meio-dia, o chefe do Sistema Integrado de Vigilância do Solo (SivSolo) não teve dúvida e ordenou a demolição. Não adiantaram os protestos e as rezas dos invasores. Em menos de um minuto, os barracos de alvenaria, que não tinham mais que dois metros quadrados cada, viraram entulhos.

“Foram construídos no feriado de quarta-feira (aniversário de Brasília). O reboco ainda está fresco”, observou o chefe do SivSolo, major Esmeraldo Oliveira. A derrubada era para ter começado às 10h, quando os 25 fiscais e policiais militares chegaram ao local. Uma invasora, no entanto, correu e entrou numa das casas do loteamento regular da QE 38. Trouxe de lá um documento que afirmava ser uma liminar impedindo a derrubada.

O **Correio** não teve acesso ao documento — a invasora não quis mostrá-lo. O major Oliveira examinou-o e disse que se tratava de um ofício expedido pela 3ª Vara da Fazenda Pública à Procuradoria do Distrito Federal. “O juiz pedia um prazo de cinco dias para examinar a questão e se pronunciar sobre o assunto. O documento dos invasores listava 54 pes-

soas e afirmava que estariam morando há 18 meses no local. E foi assinado em 23 de março”, explicou.

Como os invasores insistiam em que o documento impedia a derrubada, a assessora técnica da Administração Regional do Guará, advogada Ana Amélia Cardoso, foi chamada. Examinou o documento e concluiu: “Eles (os invasores) não têm liminar da área. Só estão querendo confundir.”

O documento refere-se a 54 famílias que estariam morando irregularmente na Colônia Agrícola Iapeí, que fica a cerca de 800 metros do local invadido durante o feriado.

Os invasores ainda tentaram convencer os fiscais a não derrubarem os barracos. “Liguei para

o nosso advogado. Ele já está no Eixão, a caminho”, implorou uma invasora, que, como todos os demais, não quis se identificar. “Vamos derrubar. Esse documento não é uma liminar e eles não estão no Iapeí”, decidiu o major Oliveira. “Esses invasores estão virando profissionais. Observe que estão construindo os barracos cada vez menores. Só mesmo para pressionar.”

O advogado dos invasores ainda chegou a tempo de assistir ao último dos 13 barracos virar um amontoado de tijolos quebrados. Ficou na sombra, de braços cruzados e cara fechada. Não disse o nome e nem quis conversar. “Se você colocar o meu nome no jornal, eu te processo”, ameaçou.

Acácio Pinheiro



*Por serem tão pequenos, os barracos na QE 38 do Guará teriam sido erguidos “apenas para pressionar”, segundo o militar que comandou a derrubada*

“Vocês vão pagar. Deus é maior. Vocês são um bando de diabo”, vociferava uma invasora que tentava impedir a derrubada do seu barraco. Ela e os demais invasores não quiseram dar explicações. “Não temos nada a declarar. Você está do lado deles (do governo). Tanto que ouviu primeiro a administração e só agora veio falar com a gente”, reclamou uma invasora, de chapéu na cabeça. Era ela quem corria de

um lado para outro, impedindo as demais famílias de falar.

Dona Fernanda arrastava pelo mato um colchão de solteiro, quando a invasora a impediu de dar mais informações. “Não tenho nada a ver com isso. Só ajudei a minha filha a construir o barraco”, foi o que ainda teve tempo de responder. Nesse momento, os invasores já estavam mais exaltados.

“Vocês já podem voltar. Já fize-

ram a boa ação de hoje. Estão com o diabo no corpo e do lado”, gritou uma invasora que, apesar de não se identificar, já é conhecida nas invasões que insistem em brotar no Guará. O seu nome é Graça Albuquerque. Tem 45 anos e se diz evangélica da Igreja Pentecostal Missionária. Em janeiro, ela fazia parte do grupo que montava acampamento na QE 44 do Guará 2.

Nessa época, costumava se sentar

num tamborete do lado de fora da barraca e tirar cantorias ao violão. Era apontada por outros invasores como uma das líderes na invasão. “Temos de reivindicar nosso direito. Quem fez o grão de areia foi Deus e sei que Roriz tem Deus no coração”, disse, em 6 de janeiro, uma semana antes de o governador visitar o local e pedir que abandonassem a área. Graça saiu, mas prometeu resistir.